

## CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 7 | Nº. 1 | Ano 2021

**Eugenio Nkogo Ondó**

# Tradução

**O LEGADO DA FILOSOFIA SOCIAL DO IMPÉRIO MANDINGA: a primeira Declaração Universal dos Direitos Humanos**

### Site/Contato

[www.capoeirahumanidadeseletras.com.br](http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br)

[capoeira.revista@gmail.com](mailto:capoeira.revista@gmail.com)

### Editores

Fábia Barbosa Ribeiro

[fabiaribeiro@unilab.edu.br](mailto:fabiaribeiro@unilab.edu.br)

Marcos Carvalho Lopes

[marcosclopes@unilab.edu.br](mailto:marcosclopes@unilab.edu.br)

Pedro Acosta-Leyva

[leyva@unilab.edu.br](mailto:leyva@unilab.edu.br)

# O LEGADO DA FILOSOFIA SOCIAL DO IMPÉRIO MANDINGA: a primeira Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>1</sup>

Eugenio Nkogo Ondó<sup>2</sup>

Embora não seja necessário por causa de sua extensão, este artigo consiste nesses quatro momentos: 1) A situação do sistema imperial africano, 2) A posição da tribo na cultura universal e cada uma na sociedade africana, 3) *O Manden Kalikan* ou a voz da libertação dos seres humanos e 4) Da crítica da história fictícia à história real e à honra do reconhecimento tardio do berço da humanidade.

## A conjuntura do sistema imperial africano

Por volta de 970 d. C., mais ou menos, grandes impérios se estabeleceram nestas regiões férteis e imensas que cobrem o Quadrante Ocidental do Norte da África. Entre eles merece destaque especial o de Gana, o primeiro reconhecido com "muita precisão", classificado com a nota de "o mais rico do mundo em ouro", que continha e ainda contém em seu subsolo. Na continuação, seguiu os de Gao, Songhai, Mandinga ou Mali. Este último, como os outros, englobava enclaves que eram cenários de múltiplas culturas ou civilizações antigas, entre as quais se situavam os Dogon, Peul, Bambara, Malinké, Tucolor etc. cujos traços atuais evocam a prosperidade de Jenné e Jenné-Jeno, cidades construídas no século III a.C. O que nos interessa neste momento não é nem sua estrutura política ou administrativa..., que em seu esplendor consistia em sede ou "reinos negros-africanos que operavam aproximadamente de acordo com as mesmas regras"<sup>3</sup>, mas de sua organização no que diz respeito às formas de acesso aos diferentes níveis de conhecimento. Naquela época, estes foram distribuídos em três campos extensos:

---

<sup>1</sup> Tradução de Marcos Carvalho Lopes.

<sup>2</sup> Eugenio Nkogo Ondo. Nascido na Guiné Equatorial em 1944, fez seu doutorado em filosofia na Espanha (foi aluno ali de Xavier Zubiri, na França estudou com Emmanuel Lévinas etc.). Trabalhou na Espanha, em Ghana, nos EUA. Desenvolve a proposta de um Pensamento Radical que parte da filosofia africana (dialogando com a filosofia latino-americana). O seu site é <https://www.eugenionkogo.es/es/>

<sup>3</sup> Joseph Ki-Zerbo, *História da África Negra*, Edições Hatier, Paris, 1978, p. 106, 130, 138, 142 e 147.

- A) O cultivo da lógica e da metafísica realizado pela escola de Timbuktu, protagonizado pelo "típico negro ilustrado" Abderrahman Abdallah es-Sâdi que, em consonância com tendências desenvolvidas em universidades europeias como a Sorbonne de Paris, assume a herança do trabalho aristotélico disseminado pelos árabes Avicena e Averroes e o vincula à tradição da linguística ontológica africana.<sup>4</sup>
- B) O auge das ciências técnicas ou aplicadas, em especial as do estaleiro e náutica. Contando com eles, eles cruzaram continuamente e com sucesso o Oceano Atlântico, em excursões feitas em 1310 e 1311. Imersos em suas aventuras, como nos antigos fluxos migratórios que os levaram a Kemit, Egito, e trouxe-os de volta às suas origens, os filhos de Afiri-Kara desembarcaram pela segunda vez no Caribe, América Central e do Sul. Digo pela segunda vez, porque a presença de culturas negras ou civilizações naquele subcontinente remonta a vários milênios antes de Cristo, como evidenciado pelos testemunhos da paleontologia humana encontrados em Tres Zapotes, nos Olmecas, na Península de Yucatán, no México, e nas outras nações da região.<sup>5</sup>
- C) A consciência de um presente que gravita em torno de um passado e abre seu caminho para o futuro, ou seja, o retorno ou recapitulação das chaves do pensamento tradicional, em que as diferentes concepções da realidade próxima ou distante se destacam, abstrata ou concretamente, tais como: a cosmológica, a possível aproximação aos seus mitos, histórias e lendas etc. e, sobretudo, a preocupação não resolvida com uma reflexão ou uma abordagem profunda dos problemas sociais de sua época, unida à busca intransigente por suas soluções duradouras e à supressão ou perseguição de qualquer coisa que pressagiava qualquer sinal de injustiça, que é, de fato, o tema central dessas linhas.

Disposto a embarcar no caminho de uma possível compreensão da situação, é aconselhável dar uma olhada no *Charte du Mandé*, que recebeu vários nomes: eles o chamavam antes de *Donsolu Kalikan*, "Juramento dos Caçadores", em homenagem a *Dunya makilikan*, "Culminação mundo", e finalmente foi solenemente declarado, em Dakadjalan, a primeira capital do Império do Mali, sob o nome de *Manden Kalikan*, "o Juramento do Mandé", na entronização de seu primeiro imperador Soundjata Keita, no final de 1222.

<sup>4</sup> Eugenio Nkogo Ondó, *Síntese Sistemática da Filosofia Africana*, 2ª edição revisada, Carena Editions, Barcelona, 2006, p. 202.

<sup>5</sup> Ivan Van Sertima, *Eles vieram antes de Colombo, a presença africana na América Antiga*, Random House, Nova York, 1976, "As testemunhas visíveis", p. 25-26; "Comerciantes mandingo no México medieval", p. 103 y "presença afro-egípcias na América Antiga", p. 142-149.

## O lugar da tribo na cultura universal e casta da sociedade africana.

Para uma aproximação objetiva da questão, três aspectos fundamentais devem ser levados em conta: (1) a estrutura tradicional da sociedade africana, 2) a escala gradual das relações intrínsecas entre seus componentes e (3) a preeminência da oralidade no que diz respeito à ortografia na transferência de conhecimento. De acordo com nosso objetivo, apenas alusões muito breves poderão ser feitas acerca destes temas. Quanto ao primeiro, deve-se esclarecer que a estrutura da sociedade africana é horizontal e não vertical como a sociedade ocidental é. O essencial desta última são as classes sociais: uma classe superior e uma classe inferior, em que estão alojados diferentes estratos sobrepostos, sendo os mais baixos aqueles que suportam o peso daqueles que as pressionam de cima.

Pelo contrário, na horizontal, como dissemos, na África, na ausência de classes sociais, esta se ordena essencialmente em gerações contemporâneas, em castas ou irmandades. No primeiro passo de tal ordenação, o das gerações contemporâneas, você pode distinguir ou separar todas as idades que vão da puberdade, passando pela adolescência, a juventude a maturidade, até chegar senilidade ou velhice. Neste transcurso, ocorre a implantação da escala gradual e intrínseca das relações entre seus indivíduos e seus grupos iguais ou de iguais, que unem por natureza uma família com outra, uma tribo a outra e uma etnia ou cultura a outra etnia ou cultura. Uma vez que pousamos no vasto terreno de tribos e culturas, deve-se notar que, como realidades antropológicas, todas as culturas do planeta terra são compostas de tribos. Diante da falsa interpretação colonial, herdada pelo neocolonialismo, que atribuiu, e ainda atribui, o fenômeno a outros continentes, basta analisar a árvore genealógica de qualquer família europeia, para revelar a origem e a natureza de seus antepassados. Ao fazê-lo deste modo, a partir do tataravô ou do terceiro avô, você pode determinar com maior ou menor precisão sua tribo ou clã. Aqui encontramos um novo termo, o clã, que é um grupo social de menor extensão que a tribo, porque se compõe de famílias mais ou menos próximas.

Do ângulo linguístico, é provável que qualquer dicionário da Academia Real Francesa forneça alguma precisão pequena em relação aos outros idiomas, por exemplo, em *Le Robert, micro, dictionnaire du bon usage et des difficultés...* aparecem duas definições de clã, uma delas aponta para um "grupo composto por parentes que têm, em sua origem, um ancestral comum", e três de tribo, em que se destaca a que o considera como um "grupo social e político fundado em um parentesco étnico real ou presumido nas sociedades pré-industriais". Essas duas definições convergem em um mesmo ponto, dado que, afinal, se baseiam no ancestral comum ou na base étnica. A única inconsistência da segunda definição é acreditar que a tribo é um grupo humano de "sociedades pré-industriais", sem perceber que, independentemente da

consideração prévia, a sociedade industrial moderna é um abrigo em que coexistem de tribos ou clãs.<sup>6</sup>



Figure 1: Um pequeno mvet com quatro cordas e um único resonador central

O segundo nível da estrutura horizontal da sociedade africana repousa sobre castas ou irmandades. Ao lado destes estamentos que, como acabamos de ver, compõem o denso corpo geracional, se encontra a dos grupos de ofício e profissões. Além das funções mais comuns, em que se enquadram os ferreiros, oleiros, agricultores, pastores, pescadores, caçadores, carpinteiros, sapateiros, rapsodos ou trovadores etc., teríamos outras e muitas denominações de acordo com as diferentes culturas. Por exemplo, entre os Fang, espalhadas por Camarões, Congo Brazzaville, Gabão, Guiné Equatorial, Quênia, São Tomé e Príncipe, contaríamos

com o *bembi-mvet*, os músicos instrumentistas do mvet<sup>7</sup>, os *bembom-mvet*, os poetas, artistas do mvet, e os *bendzo-mvet*, os filósofos ou mestres consumados do mvet. O mvet é um instrumento composto por um pedaço de palmeira pluvial, de um metro e meio de comprimento e um diâmetro que pode variar de cinco a sete centímetros, a partir do qual quatro cordas são cuidadosamente extraídas e uma vara é colocada no meio delas, que o multiplica por dois, totalizando oito cordas, que de acordo com as regras musicais, emitem todas as oitavas. A vareta, sendo neutralizada de sons, compõe a enéada, o som número nove. Estas cordas são fixadas por anéis em suas extremidades para evitar que se desprendam do marco desenhado, enquanto a parte oposta é equipada com três cabaças, ressecadas do tamanho de meia laranja: uma grande no centro e duas pequenas nas extremidades, para a megafonia. Em suma, "o termo mvet é, em seu sentido mais amplo, sinônimo de cultura Fang."<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Para algumas informações sobre o tema, recomenda-se ler as seguintes monografias Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, *Teorias étnicas seguidas por Grupos Étnicos e Suas Fronteiras* por Fredrik Barth, traduzido por Jacqueline Bardolph, Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, Quadrige /PUF, Presse Universitaire de France, 1995, 2008 e 2012. Y Christian Rinaudo, *Etnia na cidade, jogos e questões de categorização étnica*, The Harmattan, 1999.

<sup>7</sup> Na Wikipédia temos a descrição do mvet como “um instrumento musical de cordas (...) do povo fang do Gabão, Camarões, São Tomé e Guiné Equatorial. Um pouco parecida com a Mande kora, mas maior e mais simples, consiste em um pau tubular de palmeira-ráfia ou bambu, entre um e dois metros de comprimento, com geralmente três ressonadores de cabaça. Uma ponte vertical central divide quatro ou cinco cordas de metal ou tripa, tocando os dois lados da ponte.

O instrumento é segurado horizontalmente no peito para fechar ou abrir o ressonador central com um movimento dos braços. Ele pode ser tocado sozinho ou pode acompanhar canções ou poesias que incluem épicos, canções de batalha, rituais, de filosofia e sobre o conhecimento do mundo.

No final do século XX, o mvet se tornou um instrumento chave da música bikutsi.”. (c.f. <https://en.wikipedia.org/wiki/Mvet>) (N.T).

<sup>8</sup> Tsira Ndodng Ndoutoume, *The Mvett, Epic Fang*, African Presence, 1970 e 1983 / Agência de Cooperação Cultural e Técnica, 1983, p. 11.

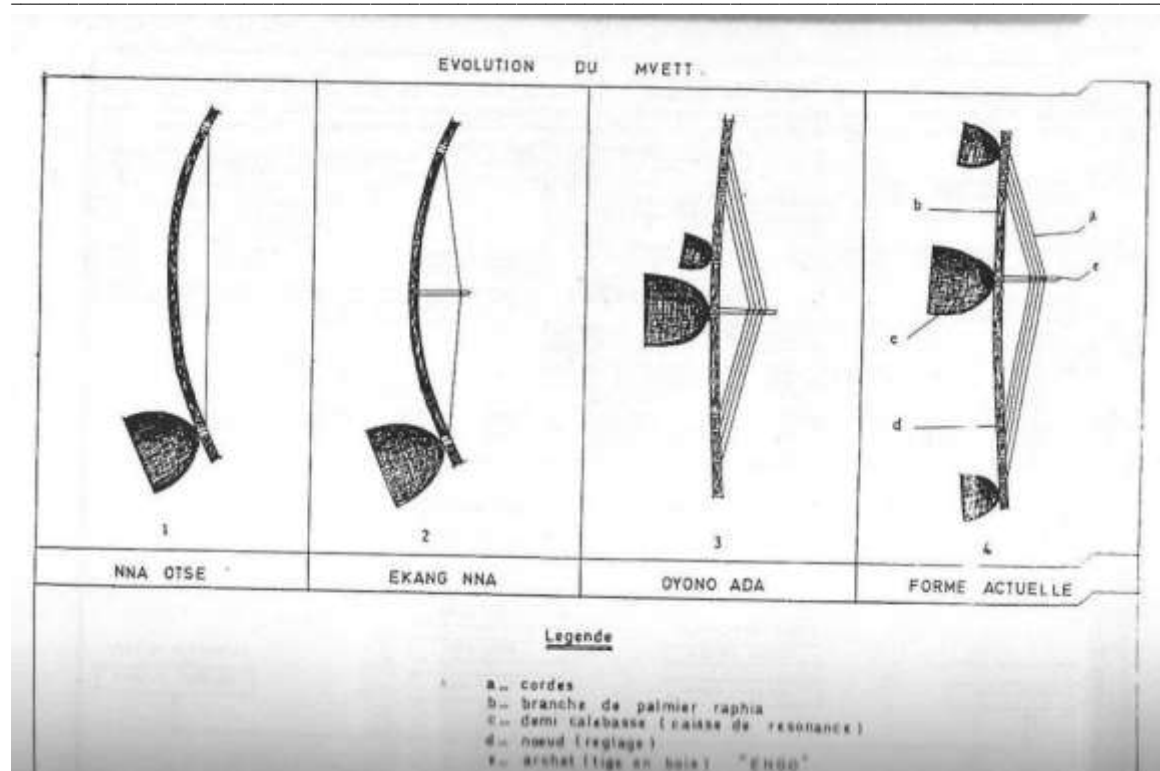


Figure 2 Mais informações sobre o Mvet no blog de Aristóteles Totti Kandimba: <http://kandimafilms.blogspot.com/2013/05/o-mvet.html>

Entre os Bambara, que vivem no Mali, Senegal, Guiné Conakry e países vizinhos, a divisão de castas multiplica-se indefinidamente. Assim, encontraríamos os *dyow* "ou sociedades secretas que constituem o quadro espiritual" dessa cultura, que se subdividem em seis grupos: os *n'domo*, os *komo*, os *mama*, os *kono*, os *tywara* e os *kara samaw*, "a classe dos grandes mestres iniciativos do *kore*". O *kore* pode ser definido como a consciência do indivíduo não apenas "como elemento da sociedade em geral, mas também como parte integrante do universo e como participação na vida de seu Deus".<sup>9</sup> As subdivisões anteriores de castas remetem a tantas outras, nas quais seria necessário distinguir entre os "griots", *dyeliw*, trovadores profissionais e aqueles que não são, estes últimos são aqueles que geralmente exercem suas funções em instituições religiosas, enquanto os primeiros são divididos em dois outros grupos: os *bla-dyeli* que possuem um alto nível de conhecimento e, portanto, são os cientistas, e os simplesmente *dyeli* que constituem a categoria geral ou comum, etc. etc.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> *Textes sacrés d'Afrique noire*, choisis et présentés par Germaine Dieterlen, com a colaboração de Béatrice Appia, Daniel Biebuyck, R. P. Borgonjon, Daryll Forde, Pierre Idiart, Annie et Jean-Paul Lebeuf, Paul Mercier, Jean Rouch, Pierre Roumequère, Jacqueline Roumequère-Eberhardt, Pierre Verger, Dominique Zahan. Préface de Amadou Hampâté Bâ, Éditions Gallimard, 1965, p. 287-296.

<sup>10</sup> S.M. Eno Belinga, *Entendendo literatura oral africana*, clássicos africanos, edições de São Paulo, 1978, p. 86-91, y Dominique Zahan, "Sociedades de Iniciação Bambara, n'domo, Kore", *Textos Sagrados da África Negra*, o.c.p. 287.

## *O Manden Kalikan ou a voz da libertação humana*

Com este subtítulo, devemos lembrar que, mesmo com uma ampla gama de recursos para o sistema de escrita ideográfica, o método tradicional por excelência de comunicação de todos esses grupos foi a oralidade. E com isso, se deduz a razão pela qual a *Charte du Mandé* tem o subtítulo de "Juramento de caçadores", "comunicação ao mundo" ou "juramento dos Mandé" que, após sete séculos de sua vigência, foi retomada por seus descendentes em 1965. Para este fim, excelentes mestres de iniciação da cidade de Kinèougouè, conscientes de que o sábio Fadjimba Kanté, chefe dos ferreiros de Tégouè-Koro e da "irmandade de caçadores" de Kangaba, outra cidade localizada a cem quilômetros ao sul de Bamako, era um "livro vivo" da história de seu povo, aconselham o então jovem artista, o calígrafo-plástico Aboubakar Fofana a se aproximar da área para beber diretamente daquela fonte de inspiração inesgotável. Trato feito! O mesmo pensador nos confirma que, naquela época estava envolvido "em um exaustivo estudo da cosmogonia e mitos, dos sinais gráficos de pinturas parietais, máscaras e estatuetas, que constituem tanto os suportes da arte quanto da cultura Mandinga."

Neste espírito de pesquisa, ele se apresenta ao grande filósofo, em uma atitude de atenção concentrada, com todas as provisões de que necessitava e disposto a ouvir sua aula magistral. Longe de entrar no campo da multiplicidade de matérias próximas ou talvez fora de sua especialidade, ele apenas perguntou qual foi a maior contribuição da "irmandade de caçadores" para a humanidade. Seu interlocutor respondeu, instantaneamente, que esta foi "a abolição da escravidão" e, afim de estender a tão desejada informação, adotou um tom de voz pausada, reflexiva, solene, e explicitou a circunstância transcendental nesses termos:

*"Foi em nome de sua sociedade, a donso tòn, (uma espécie de confraria iniciática do tipo maçônico) que prega a fraternidade universal, o amor do próximo, a justiça moral e espiritual, a proteção e a defesa dos pobres e os fracos contra a arbitrariedade e a tirania, que, de acordo ou com seus aliados, os caçadores, cujo título glorioso é Sanènè nem Kontròn denw, (os filhos de Sanènè. e Kontròn), concebeu esta carta." Ao mesmo tempo, deixou claro que os nomes de Senènè e Kontron não designavam nenhum país ou raça, mas eram a efetiva "encarnação das virtudes humanas trazidas ao mais alto grau de expressão". E sob este mandato imperativo, fizeram essa PROCLAMAÇÃO:*

*Os filhos de Sanènè e Kontròn declaram:  
Toda vida humana é uma vida.  
É verdade que uma vida aparece na existência  
Antes de outra vida,  
Mas nenhuma vida é mais "antiga",  
mais respeitável do que outra vida,  
Assim como nenhuma vida vale  
mais do que outra vida.*

*Os filhos de Sanènè e Kontròn declaram:  
Toda a vida, sendo uma vida,  
Qualquer dano causado a uma vida requer reparação.  
Deste modo,  
Que ninguém incrimine gratuitamente seu vizinho,*

*que ninguém cause dano ao seu próximo,  
Que ninguém martirize o seu semelhante.*

*Os filhos de Sanènè e Kontròn declaram:  
Deixe cada qual cuide de seu próximo,  
Que cada um venere seus genitores,  
Que cada um eduque os seus filhos,  
Que cada um atenda às necessidades  
Dos membros de sua família.*

*Os filhos de Sanènè e Kontròn declaram:  
Que cada um cuide da terra de seus pais.  
Por pátria, país ou terra ou terra dos pais,  
Devemos entender também e acima de tudo os homens:  
Para cada país, cada terra que veria os  
homens desaparecerem da superfície  
Conheceria a decadência e a desolação.*

*Os filhos de Sanènè e Kontròn declaram:  
A fome não é nada boa,  
Muito menos a escravidão,  
Não há calamidade pior do que essas duas coisas  
e neste vale de lágrimas  
Enquanto tivermos aljavas e o arco,  
a fome não matará ninguém no Mandé,  
Porque, se acaso aconteça;  
A guerra não destruiu nunca jamais o povo  
para reter escravos nela;  
Isto quer dizer que ninguém vai poder a partir de agora  
colocar o freio na boca de seu companheiro  
para ir vendê-lo;  
Ninguém será torturado no Mandé  
ou condenado forçosamente à morte,  
Por ser filho de um escravo.*

*Os filhos de Sanènè e Kontròn declaram:  
A essência da escravidão  
Foi extinta neste dia,  
"de um muro ao outro",  
de uma fronteira à outra  
do Mandé;  
As razias são banidas a partir desta data no Mandé,  
os tormentos decorrentes  
destes horrores desaparecerão.  
A partir de hoje no Mandé.*

*Que horror, o da fome!  
Um faminto ignora o  
Pudor e o castigo.  
Que sofrimento terrível  
Para o escravo e os famintos, especialmente  
quando eles não têm nenhum recurso.  
O escravo é despojado de sua  
dignidade em todo o mundo.*

*Pessoas de outro tempo nos dizem:  
"O homem, como um indivíduo de osso e  
carne,  
De medula e nervos  
De pele coberta com pelos e cabelos,  
Se sustenta com alimentos e bebidas;  
Mas sua "alma", seu espírito, vivem de três coisas:  
Ver o que tem vontade de ver,*



*Dizer o que tem vontade de dizer  
E fazer o que tem vontade de fazer.  
Sem apenas uma dessas coisas  
Lhe faltaria a alma,  
ela sofreria.  
E certamente enfraqueceria.”*

*Por conseguinte, os filhos  
De Sanènè e Kontròn declaram::  
Que cada um disponha de agora em diante de sua pessoa,  
que cada um esteja livre em seus atos,  
De acordo com a correção,  
para as leis de sua Pátria.*

*Este é o Juramento dos Mandé.  
Na atenção que chegue aos ouvidos do mundo inteiro.<sup>11</sup>*

De fato, essa voz que resume o ideal do Mandé, fundada na harmonia, na concórdia, no amor, na liberdade, na fraternidade, etc., e que, como seus filhos testemunham, repercuta e repercutirá nos quatro cantos do universo, será o modelo da aspiração fervorosa daqueles que, diante da ação unilateral do imperialismo galopante, exigem o compromisso de todos os poderes factuais na luta pelo estabelecimento de uma ordem internacional, na qual a autêntica paz, justiça e igualdade reine entre todos os seres humanos. E, em uma base maior, tendo em conta os documentos hoje disponíveis sobre o tema, esta mensagem dos filhos do Império Mandinga pode ser considerada como o melhor precedente das subsequentes Declarações de Direitos Humanos, não apenas pelos grandes pesquisadores, mas também por qualquer um, que, guiado pelo critério de um julgamento justo e autônomo, se esforce para atingir o grau exigido para fazer uma interpretação objetiva e compreensível dos fatos.

### ***Da crítica da história fictícia à história real: a honra do reconhecimento tardio do berço da humanidade***

Jean Moreau, um historiador francês contemporâneo que está ciente dessas novas abordagens metodológicas que contribuíram com sucesso para o progresso decisivo da pesquisa sobre o assunto nos últimos séculos, faz uma crítica fundamentada ao História fictícia de seu compatriota mais próximo, Pierre Gaxotte, que afirmou na *Revue de Paris*, em 1957, que os povos africanos "não deram nada à Humanidade, é necessário que parte de sua natureza os tenha impedido. Eles não produziram nada. Nem Euclides, nem Aristóteles, nem Galileu, nem Lavoisier, nem Pasteur. Seus épicos não foram contados por qualquer Homero". Em um movimento oscilante, o crítico retrocede ao século XIX, o *Cours sur la Philosophie de*

<sup>11</sup> *A Carta de Mandé e outras tradições do Mali*, traduzida por Youssouf Tata Cissé e Jean-Louis Sagot-Duvaurox, Caligrafias por Aboubakar Fofana, Albin Michel, 2003.

*l'histoire*, onde Hegel, o filósofo do espírito absoluto, estava nas nuvens, como seu discurso normalmente liderava, afirmando que "a África não é uma parte histórica do mundo. O que entendemos precisamente por África é um espírito ahistórico, do espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições naturais e que deve ser apresentado, aqui somente, como no limiar da história do mundo." Voltando ao século XXI, ele se deparou com outro de seus compatriotas, Nicolas Sarkozy, presidente da República Francesa, que em seu discurso proferido em 26 de julho de 2007, em Dakar, Senegal, em uma instituição que leva o nome de Universidade Cheikh Anta Diop, argumenta, entre muitas outras banalidades indignas de um chefe de Estado, que "o homem africano não havia entrado suficientemente na História".

Com essas simples opiniões baseadas apenas no preconceito, Moreau lamenta o fato de que o tema "recorrente para desqualificar um continente que é, no entanto, o berço da humanidade segundo a comunidade científica" tem sido uma das consequências mais imediatas da herança transcendental do colonialismo que, para justificar suas atrocidades, levou os "especialistas europeus" a acreditar cegamente, contra os critérios racionais de observação rigorosa, que "a verdadeira história da África começa com a colonização".<sup>129</sup>

Contra tal aberração, deve-se lembrar que Georg Wilhelm Friedrich Hegel tinha sido sucessivamente censurado por seus contemporâneos, entre os quais, vale a pena insistir, como já fiz em várias ocasiões, da figura de Arthur Schopenhauer que o chamou de criatura ministerial arrastada por Schelling, em cima das esferas altas "com um propósito político mal calculado, charlatão, vulgar, sem espírito, repugnante, ignorante. Que com uma frescura, uma ausência de razão e uma extravagância sem par, compilou um sistema que foi trompeado por seus adeptos venais como se fosse sabedoria imortal, e como tal foi realmente tomado pelos imbecis, o que provocou um coro de admiração como nunca tinha sido ouvido".<sup>13</sup> É claro que, com essas lacunas sem salvação, as teorias hegelianas tornaram-se uma filosofia irreal, amorfa, em um objeto de reflexão, incapaz de fazer uma análise profunda do ser em si e de suas manifestações, ao mesmo tempo que sua concepção de história tinha sido definitivamente ancorada no nível *da história fictícia*. Mesmo assim, criou uma Escola que acreditava no dogma da ignorância, cujas teses absurdas foram desmontadas de sua fundação até os dias atuais.

A partir da crítica de Schopenhauer chegamos à de Anténor Firmin, um brilhante jurista e pensador haitiano, do mesmo século, membro da Sociedade Antropológica de Paris, que, em seu trabalho *De l'égalité des races humaines (antropologia positiv)* desfaz impiedosamente as divagações de *Essai sur l'inégalité des races* de Joseph Arthur Comte de Gobineau. Elevando o assunto ao grado da pesquisa exigida por seu tratado, elogiou o gênio

---

<sup>12</sup> . Jean Moreau, "A Declaração dos Direitos Humanos, cinco séculos antes da Revolução na África", *Humanismo, Revisão dos Maçons do Grande Oriente da França*, Nº 285 -Junho de 2009, p. 47.

<sup>13</sup> Schopenhauer, *Fragmentos sobre a História da Filosofia*, Alcan, Paris, 1912, p. 113-114.

africano que, a partir do uso de instrumentos elementares, alcançou à criação de obras imortais no Egito e "no coração da África", deixando no chão não apenas a tese de Gobineau, mas também as de filósofos, historiadores e de todos aqueles que usurparam o nome dos cientistas, a quem enquadraram como "falsificadores do sistema" que com "afirmações vãs e perversas" foram teimosos em dar crédito aos seus "erros mais lamentáveis".<sup>14</sup>

Na mesma linha, Cheikh Anta Diop, físico nuclear, egiptólogo senegalês, célebre historiador e fundador da Escola de Filosofia da História Africana, no início dos anos 1950, ao mostrar a irracionalidade da posição da escola hegeliana, demonstra, irrefutavelmente, seguindo a origem e evolução da história viva, não a morta, a contribuição das criações do negro africano para a humanidade, vários milênios antes de Cristo, ou seja, antes da Grécia, o primeiro povo educado da civilização ocidental, entrou na história.<sup>15</sup>

Em relação ao discurso de Nicolas Sarkozy no Senegal, a intelectualidade africana trouxe ao mundo inteiro suas inconsistências, em um trabalho coletivo que carrega precisamente o título de *L'Afrique répond à Sarkozy, contre le discours de Dakar*, Editions Philippe Rey, Paris, 2008, que destaca o fracasso retumbante do longo processo de colonização francesa e sua fase neocolonial inaugurada com a criação da "Communauté Française", em 1958, que se tornou o atual Francafrique (França-África). E com ênfase, essa plêiade se expandiu continuamente nos renomados valores criativos dos povos africanos e de sua transcendência na Europa e, de forma especial, na França.

Tendo sido um bom observador das circunstâncias e de sua objetividade historiográfica, declara o honesto francês, parafraseando outro ilustre senegalês, Amadou-Mahtar M'Bow, ex-diretor da UNESCO, que "atualmente se descobre a História real da África, uma história há muito escondida", o que necessariamente levou a uma reviravolta para começar a "entender de dentro da visão africana do mundo". Ele endossa a distinção estabelecida pelo filósofo e o sociólogo Jacques Demorgon, separando o humanismo conformista do humanismo informado. O primeiro acredita infundadamente que a ideia de dignidade humana nasceu na Europa, enquanto o segundo admite que, "em todos os lugares, no espaço e no tempo, os povos podem cultivar os valores que expressam sua rejeição à violência. Com certeza, esse humanismo assume diferentes formas de reconhecer as inevitáveis adaptações antagônicas que envolvem mudanças no mundo. Nesse sentido, quem sabe que uma *Declaração dos Direitos do Homem* foi feita no Mali no século XIII?"

<sup>14</sup> *Da igualdade das raças humanas (antropologia positiva)*, de Ténor Firmin, membro da Sociedade de Antropologia de Paris, Livraria COTILLON, Paris, 1885. Nova edição apresentada por Ghislaine Géloin, The Lovetan, 2003, 360-363.

<sup>15</sup> Cheikh Anta Diop, *Anterioridade das Civilizações Negras, mito ou verdade histórica?*, Presença Africana, 1967 e 1993, 99-108 y 148-178.

Retomando o fio da questão na sociedade europeia, ele ressalta que todos citam a *Carta Magna* dos Ingleses, de 1215, na qual os barões obtêm prerrogativas do poder real para fundar o *habeas corpus* que reconhecia as liberdades individuais, algo que, para alguns, significou o direito à insurreição. E, da mesma forma, exaltam o momento brilhante em que apareceu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, na Revolução Francesa. "Mas eles não sabem que sete anos após a Carta Inglesa e... quinhentos e sessenta e sete anos antes da Grande Revolução, Soundjata Keita, à frente da esotérica sociedade dos caçadores e do Império do Mali, proclama o *Manden Kalikan* que se dirige a todos os cantos do planeta."<sup>16</sup>

Do ponto de vista de uma análise comparativa, se a Carta promulgada pelos barões ingleses só contempla um marco de liberdades para um determinado estrato social e não para sua totalidade, pelo contrário, a mandinga a amplia indefinidamente, estendendo-a para toda a humanidade e se mantém, nessa base sólida, como a primeira *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Esta Declaração é, sem dúvida, um dos melhores traços que no caminho espaço-temporal que a humanidade teve que percorrer na direção de sua plena ou integral realização. A edição inclui outros textos, traduzidos pelo etnólogo Youssouf Tata Cissé e pelo escritor Jean-Louis Sagot-Duvaouroux, que, por sua vez, apresentam signos ou breves evocações da diversidade temática do pensamento clássico ou tradicional mandinga, conforme anunciam esses títulos: "A marcha do universo; a pessoa humana; o casamento; a nobreza da alma; o pudor e seus dois filhos: a Lua e o Sol; o canto do tecelão ou a harmonia do mundo; o crocodilo sagrado; vida e ressurreição; Sirius; o cavalo de guerra; a Grande-Serpente-Love". São temas que mereceriam outro artigo, mas isso nos afastaria de nosso propósito inicial, que é ecoar o legado da filosofia social do Império Mandinga, um legado que expressa seu compromisso irrevogável com o estabelecimento de uma ordem internacional na qual prevaleceria o progresso coletivo, a compreensão mútua, o entendimento intercultural, a convivência pacífica e duradoura entre todos os habitantes do globo.

Leon, 30 de outubro de 2013.

---

<sup>16</sup> Jean Moreau, "A Declaração dos Direitos Humanos, cinco séculos antes da Revolução... África", *Humanismo...* o.c. 47-48.